



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia
Escolar e do Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**XII CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

2016/2017

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

**PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM
ESCRITA DO SUJEITO**

Apresentado por: Patrícia Batista Vieira Cambraia

Orientado por: Professora Dra. Patrícia Tuxi

BRASÍLIA, 2017

Apresentado por: Patrícia Batista Vieira Cambraia

Orientado por: Professora Dra. Patrícia Tuxi

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma intervenção psicopedagógica que foi realizada com uma aluna de 9 anos de idade que apresenta dificuldades de leitura e escrita, a mesma cursa o 3º ano do Ensino Fundamental. A coleta de dados envolveu 7 sessões, baseadas em instrumentos psicopedagógicos, como questionário de anamnese, a entrevista operativa centrada na aprendizagem, técnicas projetivas dos vínculos escolares e dos vínculos familiares e avaliações pedagógicas. Os instrumentos aplicados foram essenciais para as observações psicopedagógicas. Este estudo tem como objetivo maior apresentar o percurso de processo de aprendizagem, amparado por um olhar psicopedagógico e, conseqüentemente, nos levar a uma reflexão sobre as dificuldades de leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVES: Intervenção Psicopedagógica. Aprendizagem. Dificuldades de Leitura e Escrita.

ABSTRACT

This work is the result of a psychopedagogical intervention that was carried out with a 9 year old student who presents difficulties in reading and writing, she is enrolled in the 3 of Elementary School. Data collection involved 7 sessions, based on psychopedagogical instruments such as anamnesis questionnaire, operative interview focused on learning, projective techniques of school ties and family ties, pedagogical evaluations. The instruments applied were essential for psychopedagogical observations. This study aims to engage in how learning is handled, supported by a psycho-pedagogical perspective and, consequently, lead us to a reflection on the difficulties of reading and writing.

KEYWORDS: Psychopedagogic Intervention. Learning. Difficulties of Reading and Writing.

ÍNDICE

I - Introdução	6
II - Fundamentação Teórica	8
2.1 A importância da escrita espontânea do sujeito para análise da percepção	8
2.2 Relações entre cultura e cognição.....	10
2.3 Relações entre linguagem e cognição	10
III - Método de Intervenção	14
3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição.....	14
3.2/ Procedimento(s) Adotado(s) (descrição geral).	15
IV - A Intervenção Psicopedagógica: B	16
4.1 - Avaliação Psicopedagógica.....	16
4.1.1 - 1ª Sessão de avaliação psicopedagógica – 03/05/2017	16
4.1.2 - 2º Sessão de avaliação psicopedagógica – 03/05/2017	17
4.1.3 - 3º Sessão de avaliação psicopedagógica – 10/05/2017	17
4.1.4 - 4º Sessão de avaliação psicopedagógica – 30/05/2017	19
4.2 Intervenção Psicopedagógica	20
4.2.1 – 1º Sessão de Intervenção Psicopedagógica – 31/05/2017	20
4.2.2 – 2º Sessão de Intervenção Psicopedagógica – 01/05/2017	22
4.2.3 – 3º Sessão de Intervenção Psicopedagógica – 05/05/2017	23
V - Discussão Geral Dos Resultados Da Intervenção Psicopedagógica	26
VI - Considerações Finais	28
VII - Referências Bibliográficas	30
VIII - Anexos	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de refletir sobre os aspectos relacionados às dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita no terceiro ano do Ensino Fundamental. A Acadêmica e a área de formação de educadores têm apresentado uma preocupação constante relacionada ao aprender a lidar com o desconhecido, com o conflito, com o inusitado, com o erro, com a dificuldade de como transformar informação em conhecimento.

Portanto, no decorrer do trabalho observamos que a questão da dificuldade de aprendizagem na leitura, tem sido uma questão bastante discutida pelos que se preocupam com a nossa educação. Sobretudo, com os problemas relativos a dificuldade de aprendizagem na leitura.

A compreensão da leitura, e de suas funções e usos são indispensáveis ao processo de alfabetização, mas o que se vê comumente, nas salas de aula e nos livros didáticos, é um total desconhecimento do assunto. Por isso, o professor deve estar atento, com sua consciência centrada, que o educando entra na escola para ser alfabetizado. O educador deve utilizar os materiais adequados, para que o aluno não encontre dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, afinal a leitura é a base da realização do objetivo do educando e para uma melhor escrita.

Para realizar o trabalho final, que requer um estágio supervisionado, optei em intervir com um sujeito matriculado em escola pública. O histórico do sujeito apresenta baixa produção escolar. A aluna em questão, é do sexo feminino, tem nove anos de idade, cursa o terceiro ano do ensino fundamental I. Não foi retida no ano anterior e a queixa apresentada é de dificuldade de aprendizagem na leitura e escrita. Podemos levantar como hipótese que sua autoestima em sala de aula está baixa exatamente por não acompanhar a turma. No relatório escolar consta muitas dificuldades nos conteúdos trabalhados no início do ano letivo de 2016, não reconhecendo nem mesmo as vogais. Assim o caso deste sujeito apresenta-se como um desafio para o trabalho psicopedagógico e no trabalho da escola.

Este trabalho possui um referencial teórico que se dividi em três tópicos. O primeiro é a importância da escrita espontânea do sujeito para análise da percepção do mesmo. O segundo são as relações entre cultura e cognição e o terceiro são as relações entre linguagem e cognição. A

seguir descrevemos o estudo que se dividiu em quatro avaliações psicopedagógicas e três intervenções psicopedagógicas.

O presente estudo tem por objetivo compreender o processo de leitura e escrita de um sujeito com dificuldade de alfabetização, por meio de um trabalho de intervenção psicopedagógica. O sujeito não possui laudo, mas faz acompanhamento de reforço com o próprio professor regente.

II/ FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A importância da escrita espontânea do sujeito para análise da percepção.

Alguns estudiosos concordam que os transtornos de aprendizagem são muito mais fáceis de prevenir do que remediar e que a intervenção linguística e de leitura-escrita precoce previne ou reduz significativamente os potenciais problemas de leitura e escrita. Portanto, temos que pensar que não é qualquer escola nem qualquer prática pedagógica que proporcionará a possibilidade de desenvolver funções psíquicas mais elaboradas (VYGOTSKI, 1994)

Esses estudos que abordam as ocorrências na escrita sob diversas perspectivas, demonstram que os fenômenos de escrita como, por exemplo, trocas ou omissões de letras e segmentações das palavras, que ainda são considerados erros por grande parte dos professores, são evidências das construções elaboradas pelo sujeito em relação ao funcionamento da linguagem escrita. Esses estudiosos percebem que o impacto da escolarização dependerá principalmente da qualidade do trabalho a ser realizado, assim valorizam o papel ativo do sujeito, reforçando a importância das produções de textos espontâneas.

A partir das análises de textos produzidos pelos sujeitos, esses pesquisadores constataram a atuação direta que a oralidade e a escrita na sociedade, aspecto importante pesquisado, refere-se ao entendimento de como os professores entendem a prática de alfabetização, pois, percebe-se por meio de algumas narrativas que alguns professores relacionam o ingresso do sujeito nas culturas da escrita como o momento da “perda” da ludicidade e da própria ideia de infância.

(...) durante um longo período, os estudos e práticas pedagógicas ignoraram o fato de que os “erros” cometidos pelos aprendizes de escrita/leitura eram, na verdade, preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re)constrói ao começar a escrever/ler. (Abaurre et al.,1997, pp.16-17)

Assim, observasse que as professoras relacionam a ideia de ter que alfabetizar como algo que exigiria uma tarefa mecânica, de encher linhas, de copiar, de desmembrar palavras e frases.

Para Silva (1994) esclarece que as crianças não deveriam aprender a escrita de forma mecanizada, por meio de ditados e palavras descontextualizadas. Assim elas não são encorajadas a produzir espontaneamente, o que dificulta o processo de aprendizagem das convenções ortográficas.

De acordo com o autor, no processo de aquisição da escrita, a criança elabora estratégias próprias para a sua escrita e, também, internaliza soluções de segmentação já observadas em materiais didáticos utilizados ou em outros contextos em geral.

O ser humano se desenvolve através da construção dialética da interação e adaptação com o meio sociocultural sustentada pelos processos de internalização e externalização que engendram a tomada de consciência e para as quais os sistemas de signos são especialmente, importantes, já que se trata de lidar com a representação (Fávero, 2005; 2009, citado em Fávero 2001)

Para Fávero (2004), defende a avaliação didática como mediação no processo de ensino-aprendizagem, tanto do ponto de vista entre os indivíduos de uma dada situação, como as regulações que ocorrem no próprio indivíduo.

Segundo Frade (2007) parece que continuamos a discutir aquela velha polêmica “qual a melhor idade para alfabetizar as crianças?”. No entanto, precisamos lembrar que a escrita pode ser trabalhada em qualquer idade, desde que tenha sentido para a criança.

Assim, normalmente, ao invés da escola e os professores se questionarem sobre que oportunidades estão oferecendo para suas crianças e de que maneira estão organizando as atividades de leitura e de escrita, a responsabilidade acaba recaindo sobre a criança, negando inclusive a cultura escrita da qual esse sujeito faz parte. Nessa direção:

Ferreiro (2007, p, 61) contribui afirmando que: [...] os pré-requisitos estabelecem barreiras: os sujeitos devem demonstrar possuir as habilidades definidas como requisitos prévios para poder ingressar em certo nível da escola. Supõe-se a aquisição dessas habilidades vinculadas a uma sempre mal definida “maturação” [...] entendida, às vezes, como maturação biológica.

Acredito que o foco principal do educador não deva ser apenas ensinar, mas sim, oportunizar condições de aprendizagem. E, para que isso de fato aconteça, é primordial que o professor perceba até onde o aluno está preparado para aquele conteúdo. Ou seja, não adianta o professor cobrar determinado aprendizado, se o aluno ainda não possui pré-requisitos para tal.

2.2 Relações entre cultura e cognição

Estudos feitos mostram que, o funcionamento cognitivo da mente tem sido objeto de estudos da epistemologia, da psicologia ou das ciências cognitivas a partir de diferentes teorias. Essa realidade tem trazido muitas contribuições para a compreensão dos processos do pensamento e a formulação de conceitos e modelos de aprendizagem. Por sua vez, os funcionamentos cognitivos de pessoas em culturas diferentes ampliaram os métodos experimentais e as possibilidades de construção de explicações e generalizações.

Para Vygotsky (1979), é através da interiorização progressiva dos instrumentos que medeiam uma atividade, entre os quais os signos verbais desempenham um papel primordial, que se constrói o pensamento consciente, que, por sua vez, regula as outras funções psíquicas.

Para Vygotsky (ibidem) considerável as autorregulações no desenvolvimento cognitivo de cada sujeito. Sabe-se também que a linguagem é uma mediação simbólica entre os processos cognitivos e o mundo sócio-cultural e sempre estiveram integradas aos trabalhos sócio-interacionais.

Tais estudos são responsáveis pela manutenção da hipótese essencial: a cognição individual constitui-se pela interiorização das formas sociais das interações humanas.

2.3 Relações entre linguagem e cognição

A ligação entre cognição ou pensamento e linguagem tornaram-se objeto de estudo de várias disciplinas derivadas da linguística. Para Vygotsky (1993, pg.104),

“uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. ... do ponto de vista da psicologia, o significado poderia ser visto como uma generalização ou um conceito. E como as generalizações ou os conceitos são

inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.”.

Vygotsky nos faz crer que o significado das palavras é um fenômeno do pensamento verbal ou da significação, uma união da palavra com o pensamento. Por outro lado, a certeza de que o significado das palavras evolui, mostra-nos a natureza dinâmica do significado. Assim a ciência ligada à área da cognição, defende como primordiais estudos que envolvam a organização conceitual, a linguagem e a sociedade. Para Oliveira (1999, pg.101),

“um conceito não é uma entidade isolada identificada por um conjunto de propriedades, um conceito também se constitui das relações com outros conceitos, que formam redes ou teorias, as quais, por sua vez, têm cada conceito como elemento constitutivo”.

Oliveira (ibidem) fala sobre dimensões de conceitos como um sistema complexo de inter-relações. Essa visão trata melhor a complexidade da organização conceitual na mente humana como: esfera da ciência, esfera da vida cotidiana e do senso comum.

Os conceitos estão organizados em um todo estruturado, em uma rede de significados, em que há relações entre os elementos não como entidades estáveis, mas como processos de construção de significação entre os seres humanos, através da interação. É através da interação humana com objetos de ação e de conhecimento, com signos e significados culturais que se constroem significados mediante processos de negociações interpessoais.

A relação da cognição com a leitura passou a ser vista como produção mediada pelo texto em seu processo de significação e de construção do conhecimento. “Trata-se de uma concepção que envolve o indivíduo, enquanto ser psicológico, que desenvolve suas habilidades cognitivas, e ser social inserido em determinadas práticas histórico-sociais de leitura.” (MEC,1996. pg.20).

A concepção de leitura envolve a interação com o vasto universo de conhecimento do sujeito, incluindo seu conhecimento atual, pois o sentido não está pronto no texto. Ele é produzido a partir de articulações e atividades que levem o sujeito a se inserir no mundo da linguagem do texto. Esse fundamento poderá construir um leitor crítico, capaz de se manter diante de fatos e usar essa habilidade para ter voz ativa e se posicionar e compreender o mundo que o cerca.

Essa abordagem permite levar o sujeito e o professor a conceberem a leitura como processo de construção do sentido entre o leitor - ser individual e social, o texto - produto individual, determinado histórica e socialmente e o autor - sujeito condicionado historicamente e as práticas sociais e culturais nas quais ocorre essa interlocução.

Kleiman (1989) concorda com Vygotsky (1979) e afirma que a concepção de leitura enquanto interação assume que o sentido não é algo pronto no texto, mas é produzido pelo leitor a partir de seus conhecimentos prévios, de seus objetivos e de sua ação sobre a materialidade linguística presente no texto.

As ideias construídas pelo sujeito nem sempre se referem com as convenções próprias da escrita. No entanto, o fato de sua hipótese não estar de acordo com as convenções ortográficas não significa que o sujeito, no processo inicial de aquisição da escrita, não seja capaz de usar as convenções, mas, sim, que ele se encontra em um processo de construção de um novo sistema linguístico.

Segundo Silva (1994, p. 09) “o trabalho simultâneo com a linguagem oral e escrita implícito nessa nova atividade faz com que a criança utilize a escrita como um lugar privilegiado de reflexão e atuação sobre a linguagem”.

Sobre a escrita infantil, Silva constatou duas ocorrências em relação a segmentação: A hipersegmentação em que ocorrem separações desnecessárias das palavras e a hipossegmentação formada por ligações de duas ou mais palavras.

A motivação em aprender valoriza o movimento da relação entre autoestima e aprendizagem com as pedagogias construtivistas. Nas pesquisas sobre aprendizagem, foram evidenciados os avanços de crianças em situação de fracasso escolar a partir dessa perspectiva.

Segundo Ferreira (1999), a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Duas das consequências mais importantes do construtivismo para a prática de sala de aula são respeitar a

evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou dedicada do que as demais. (Revista Nova Escola – edição especial nº19, 2008, p. 125-126).

Em suma, concordo que o cerne principal do educador que não deva ser apenas ensinar, mas sim, oportunizar condições de aprendizagem. E, para que isso de fato aconteça, é primordial que o educador perceba até onde o aluno está preparado para aquele conteúdo. Ou seja, não adianta o educador cobrar determinado aprendizado, se o aluno ainda não possui pré-requisitos para tal.

III/ MÉTODO DE INTERVENÇÃO

A metodologia de Intervenção neste estudo privilegiou a perspectiva qualitativa, onde parte da observação da realidade de um sujeito, que é um caso específico, e para buscar uma solução das dificuldades de aprendizagem, requer a escolha de estratégias e atividades pedagógicas que busquem dar sentido ao problema revelado. Estratégia essa utilizada com a proposta de corroborar com os elementos que facilita a aquisição de competência de leitura e escrita.

3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição

O trabalho desenvolvido foi com um sujeito do sexo feminino do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública do Distrito Federal, situada na Samambaia.

O sujeito em questão, estuda na mesma escola desde os 4 anos na Educação Infantil, completou 9 anos e no seu histórico de escolaridade, não há repetência, mas corre o risco de ser retida este ano caso a família não busque ajuda profissional para acompanhar o seu desempenho.

No relato do professor, a aluna em questão demonstrou muitas dificuldades nos conteúdos trabalhados no início do ano letivo, não reconhecendo nem mesmo as vogais. Sendo atendida individualmente pelo mesmo docente, com atividades diversificadas em sala de aula e em aula de reforço em horário contrário uma vez por semana, desenvolvendo atividades com: bingo das letras, sons, formação de palavras usando o alfabeto móvel, cartão conflito, preguicinha silábica, jogos e outras atividades direcionadas à leitura e escrita, para que a sujeito possa ter sucesso em seu processo de ensino e aprendizagem.

Para a família, a aluna não apresentou nos anos anteriores nenhuma dificuldade nas disciplinas cursadas (apesar de ter dois relatórios da professora do ano de 2016 indicando tais dificuldades como leitura e escrita), mas para mãe, a filha ainda não acostumou com o professor atual só pelo fato de ser do sexo masculino. Para a mãe, a filha não reconhece algumas letras e que ler pouco, mas que não é motivo de acompanhamento com outros especialistas. De acordo com o relatório do Teste da Psicogênese em 2016 que foi realizado, a sujeito foi avaliada no nível pré-silábico, demonstrando, dificuldades e necessitando da continuação do atendimento

individualizado com atividades diversificadas que possam contribuir para o avanço no contínuo. O sujeito realiza com ajuda operações de adição e subtração simples, usando apenas a casa da unidade por enquanto, compreende situações problemas dentro desse contexto, faz contagens e atividades envolvendo numerais e suas respectivas quantidades até 30. Diz o professor que busca planejar as atividades que sejam interessantes para ela e que desperte o interesse em realizá-las.

No teste da Psicogênese do ano sujeito foi avaliada no nível silábico, participa das atividades relacionadas as disciplinas, até mesmo as que tem dificuldade, como Português e datas comemorativas, atividades artísticas, jogos e brincadeiras. No geral, mostra-se interessada nos estudos e possui um bom relacionamento com os colegas, professor e com os demais membros da escola.

3.2/ Procedimento(s) Adotado(s) (descrição geral).

O diagnóstico psicopedagógico é composto de várias etapas que se distinguem pelo objetivo da investigação. Desta forma, temos a anamnese só com os pais para a compreensão das relações familiares e sua relação com o modelo de aprendizagem do sujeito; a avaliação da produção escolar e dos vínculos com os objetivos de aprendizagem escolar; a avaliação de desempenho; a análise dos aspectos emocionais por meio de testes e sessões lúdicas, entrevistas com a escola ou outra instituição em que o sujeito faça parte; etc.

IV - A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: B

4.1 - Avaliação Psicopedagógica

4.1.1 - 1ª Sessão de avaliação psicopedagógica – 03/05/2017

- Objetivos:

- Investigar a dificuldade do sujeito na escrita.
- Verificar se a sujeito conhece o alfabeto.

- Resultados obtidos e discussão: Iniciamos com uma conversa informal sobre o gosto literário, a aluna em questão é bem extrovertida, falante e demonstrou gostar de desafios. Assim, foi posto a mesa um quebra cabeça da Branca de Neve, onde no primeiro instante ficou satisfeita e mostrou interesse em montar. Enquanto ela se distraia na montagem, ao lado havia fichas com nomes próprios incluindo o nome da mesma. Ao terminar a montagem pedi para que pegasse a ficha com seu nome, logo, sem muita procura retirou seu nome dentre os outros. Com um sorrisinho satisfeito do acerto, instiguei ainda a retirar outros nomes que estavam nas fichas, e com sucesso a aluna retirou todos. Em alguns momentos foi solicitada a pegar a ficha de um nome qualquer. Sem hesitar a aluna pegou todos e durante o processo manteve uma expressão de felicidade no rosto. Foi participativa em todas as avaliações, demonstrou conhecimento das letras de seu nome e as sílabas que o compõem e escreveu palavras que a mediadora soletrava.

Em seguida com o “Jogo das Sílabas”, pedi para que formasse palavras de sua escolha, e montou o nome de seus colegas e professores como: CRISTIANO, GUSTAVO, ANA. Demonstrando segurança na atividade proposta a aluna pediu para escrever os nomes dos colegas de classe no caderno. Assim passei o material e iniciou a escrita dos nomes. No momento que começou a escrever o nome do professor, sentiu dificuldade em algumas letras, com isso propus a ela soletrar e assim começou a escrever cada letra dita. Nesta sessão, conclui-se que a aluna em questão, tem conhecimento silábico e desenvolve a escrita sem dificuldade.

4.1.2 - 2º Sessão de avaliação psicopedagógica – 03/05/2017

- Objetivos:

- Identificar as famílias silábicas
- Formar palavras com duas ou mais sílabas.

-Procedimento e material utilizado: A aluna compareceu ao local de atendimento no mesmo horário da sessão anterior, na sala da coordenação trazida pela própria coordenadora da Instituição. Foram realizadas atividades usando lápis, borracha, fichas silábicas, jogo de divisão silábica.

- Resultado obtido e discussão: Foi colocada a mesa imagens de BOCA, FACA, DADO, FADA, BALA, BOLA. Ao lado das imagens estavam as sílabas, para que o sujeito formasse as palavras correspondentes. Pedi para que a mesma procurasse as sílabas da primeira imagem, sem mostrar dificuldade, foi formando todas as palavras e colocando ao lado da imagem correspondente. Em seguida, o sujeito tomou iniciativa de escrever as palavras sem olhar a palavra formada, com êxito acertou todas as palavras escrita em imprensa.

Para desafiar seu conhecimento, perguntei se poderia fazer uma brincadeira com ela, com um belo sorriso, respondeu que sim, adora brincar, e que ganha tudo. O sujeito mostra muita confiança em seus conhecimentos, então fui dificultando atividade pedindo para que a mesma formasse palavras com duas ou três sílabas, que não tivesse nas imagens feita anteriormente. A mesma conseguiu formar palavras como BONECA, LAGO, FOCA.

A partir desses resultados mostram que sujeito tem conhecimento e capacidade de realizar atividades dentro de sala de aula oferecendo oportunidades de valorização dos saberes que a mesma teve acesso.

4.1.3 - 3º Sessão de avaliação psicopedagógica – 10/05/2017

- Objetivo:

- Identificar o conhecimento de leitura e escrita.

- Procedimento e material utilizado: A sessão foi realizada na escola onde o sujeito estuda, na sala da coordenadora pedagógica. Um espaço todo preparado para receber o sujeito totalmente diferente da sala de aula. Para essa sessão foi utilizado os seguintes materiais: Livro de literatura infantil com a História da “Cigarra e a Formiga” e folha com questões de interpretação de texto referente à história.

- Resultado obtido e discursão: foi realizada a leitura da “A CIGARRA E A FORMINGA”, onde o autor conta a história da cigarra que toca e canta durante todo o verão enquanto as formigas trabalham, mas no inverno as formigas estavam satisfeitas com seu trabalho cumprido e a dispensa cheia. A cigarra estava sem o que comer, onde levou a buscar por socorro na casa das formigas pedindo o que comer. As formigas compadeceram de sua situação e ajudaram a cigarra. Dai por diante a cigarra se juntou as formigas para trabalharem durante todo o verão cantando e alegrando o trabalho diário. Durante a leitura, foi pedido ao sujeito que continuasse o trecho enquanto a mediadora preparava outro material. Voltando a leitura o sujeito havia mostrado onde tínhamos parado e continuou lendo de forma silabada, mas leu com dificuldade em conhecer algumas sílabas no trecho.

Ao finalizar a leitura, iniciamos a interpretação do texto, onde a aluna ficou satisfeita e contente com a história, perguntei qual era o título da história e respondeu apontando com o dedo, pedi que lesse em voz alta a aluna, respondeu de forma satisfatória, ou seja, fez uma boa leitura. Continuando a interpretação, a mediadora perguntou quantos personagens faziam parte da história, e a aluna respondeu dizendo que eram dois, a formiga e a cigarra. Em seguida, passamos para próxima questão onde os nomes dos personagens estavam escritos, a mediadora pediu para a mesma fazer a separação de sílaba.

A partir da avaliação psicopedagógica realizada, foi possível perceber que aluna não apresentou dificuldades na escrita, mas em relação à leitura, percebesse que aluna só ler com

outra pessoa auxiliando, sua leitura é lenta e a mesma mostra desinteresse quando pedido para continuar a leitura sem ajuda de outro. Como resultado obtido nessa sessão, foi notado que o sujeito está em fase de construção, mas demonstra dificuldade e insegurança na leitura.

4.1.4 - 4º Sessão de avaliação psicopedagógica – 30/05/2017

- Objetivos:

- Analisar o comportamento do sujeito em sala de aula.
- Observar o conteúdo ministrado em sala de aula.

- Procedimento e material utilizado: A sessão foi realizada na escola onde a aluna estuda, em sala de aula. O professor foi receptivo a visita e autorizou a observação durante sua aula. Para essa sessão foi utilizado os seguintes materiais: Caderno, lápis e caneta.

- Resultado obtido e discussão: Foi observado ao entrar que a turma estava dividida por grupos: aqueles com dificuldade e sem dificuldade. A aluna estava no grupo com dificuldades, estavam acompanhados por uma monitora, onde havia iniciado seu trabalho Há a dois dias na turma do professor.

Notei que a escrita do professor estava em caixa alta e buscava suas atividades pela internet usando o celular. Suas explicações eram de forma muito brincalhona e usando muitas “gírias” para com os alunos assim da mesma forma era tratado por eles.

No canto da sala, em um grupo de 15 alunos, estava a aluna, muito discreta, tímida, e não mantinha contato com os colegas ao lado. Observei que seu caderno estava em pé, escondendo sua atividade em folha, mas observava a escrita dos colegas ao lado. Enquanto isso a monitora era sempre chamada para tirar dúvidas, mas nem sempre olhava para o aluno, pois estava bem ocupada no celular, usando WhatsApp. Assim era respondido com respostas vagas como: “tá errado, assim não, você não prestou atenção no professor e agora escreve errado”. A mesma em momento algum levantou para ir a mesa dos alunos para ajudá-los nas atividades. Da mesma forma era o professor, só copiava do celular, perguntava as respostas e em seguida brincava com os alunos usando “GIRIAS” como: LESANDO, SONSSÃO, VIAJANTE NO TEMPO.

A aluna não tem contatos de amizade em sala, fica isolada, mas reparando sempre os afazeres dos colegas. Em determinado momento, notei que ela conversava com uma colega ao lado, mas a mesma ignorou fazendo um gesto com o braço para tirar a mesma do lado. Fez com que saísse do lado e não conversasse com ela. Como reação a aluna desistiu do contato e simplesmente voltou para seu mundinho. Às vezes ela olhava para onde eu estava e acenava discretamente com um semblante triste.

O conteúdo ministrado no dia, pelo professor regente, foi a separação de sílaba e pesquisa das palavras com NH, LH, CH. O professor pede para que os alunos escrevam as palavras no caderno e separem as sílabas, mas somente alguns conseguem. Percebe-se que em momento algum o professor vai até a aluna ou qualquer outro aluno, para saber se foi concluída a atividade proposta. Aqueles com dificuldade que precisam de acompanhamento continuaram com dúvidas. A aluna por sua vez estava um tanto perdida, pois pediu ajuda a monitora e não foi auxiliada como deveria. A mesma também não pediu auxílio ao professor, ficou assim até a hora do intervalo. Sem auxílio e sem apoio, não finalizou a tarefa.

Encerro a sessão durante o lanche onde todos deixam seus cadernos, sem vistos ou correções individuais. O professor pede para ir lavar as mãos e a monitora ajuda a organizar a turma para o lanche.

4.2 Intervenção Psicopedagógica

4.2.1 – 1º Sessão de Intervenção Psicopedagógica – 31/05/2017

- Objetivos:

- Reconhecer a ortografia de palavras de seu vocabulário.
- Reconhecer os sons das sílabas nas palavras.

.- Procedimento e material utilizado: A sessão foi realizada na escola onde a aluna estuda, na sala da coordenadora pedagógica. O espaço foi todo preparado para receber sujeito, totalmente diferente da sala de aula. Para essa sessão foi utilizado os seguintes materiais: recorte de papel cartão em retângulos, em cada cartão há palavras com duas ou mais sílabas, papel A4, lápis e borracha.

- Resultado obtido e discursão: Brinca-se como jogo tradicional de palavras secretas. De preferencia o mediador não deve mostrar a ficha ditada, para que o sujeito descubra por si só a palavra da ficha escolhida. O mediador vai auxiliar o sujeito dizendo qual sílaba inicia ou termina a palavra. Na jogada pode também citar a quantidade de sílaba. O jogo de palavras com sílabas estudadas dá ênfase ao que se quer desenvolver, deixando que o aluno descubra as sílabas das palavras através dos sons produzidos.

Ao iniciar o jogo G. ficou animada dizendo que ia ganhar, pois era fácil acertar a palavra secreta. Então foi dado inicio do jogo, onde iniciei com a primeira palavra “CELULAR”. A palavra começa com a sílaba “CE”, G. observou as palavras iniciadas com a sílaba ditada, apontou para uma e perguntou se seria aquela palavra. Para não dizer de imediato, foi dado mais uma dica, que seria a quantidade de sílabas. A dica foi “três sílabas”, ela logo foi observando e no inicio sentiu dificuldade em contar as sílabas. Então, com calma pedi para que se leia as palavras e com atenção observasse a contagem nos dedinhos. Assim ela o fez, soletrou a palavra “CE-LU-LAR. Disse toda contente, que havia acertado a palavra e ganhou pontos.

Passando para próxima palavra, pedi para o sujeito separar todas as palavras que contém três silabas. Foi colocado na mesa “15 palavras”. Deixando somente as palavras com duas sílabas, no momento ela observou novamente e começou a pegar as palavras, mas iniciou a primeira palavra contando as letras, ficou indecisa, logo perguntou se seria assim, disse que no primeiro jogo ela havia acertado más fazendo os sons das silabas contadas. Deu um sorriso e logo fez gesto que se lembrava de como fazer a separação das silabas. Continuou a fazer as separações das palavras com três silabas. Terminou a contagem deixando somente as palavras com duas silabas. Segunda dica foi a última sílaba seria “LA” e perguntei a G qual seria a palavra secreta?. Ela buscou em todas que havia ficado e logo achou a palavra “BOLA”. E assim foi com as outras três palavras que fizemos com muito êxito.

Mudando a jogada, ela fez o mesmo com o mediador, usando a primeira palavra com duas silabas. Busquei no meio de todas as palavras que havíamos misturado e comecei a separar as que tinham três silabas. Então a mesma deu a segunda dica, com a primeira sílaba “MA”. Demorei a buscar as palavras para identificar, pois instigui a sujeito a procurar outras que são parecidas para ajudar na buscar.

Em suma, a intervenção foi satisfatória, pois, buscou a compreender o nível de compreensão de G. com as palavras e seus sons silábicos e a contagem silábica. Aqui sujeito dita a quantidade de sílabas para que a Psicopedagoga descubra qual a palavra escolhida.

4.2.2 – 2º Sessão de Intervenção Psicopedagógica – 01/05/2017

- Objetivos:

- Adquirir competência na leitura
- Escrever ortograficamente partes da música cantada.
- Saber ouvir e escrever.

-Procedimento e material utilizado: A sessão foi realizada na escola onde sujeito estuda, na sala da coordenação. O espaço foi todo preparado para receber sujeito, totalmente diferente da sala de aula. Para essa sessão foi utilizado os seguintes materiais: Celular com áudio baixado da “A Flor e o Beija-flor” de preferencia do sujeito, folha xerocada de interpretação da música em questão, lápis borracha.

- Resultado obtido e discursão: O meio para a construção dessa ponte surgiu durante uma conversa na sala da coordenação. Onde a sujeito G. mencionou uma música e começou a cantarolar a letra da música, e percebendo que o indivíduo receptor logo entrava no ritmo cantarolado, dei início a provocações sobre a canção, buscando relacioná-las com a cotidianidade e percepções do outro (mas que são também de alguma forma minhas). O conteúdo influenciou a forma ao permitir reflexões acerca dos elementos naturais circundantes: como palavras que lembra a canção e que são fáceis identificar na leitura e escrita, foram elementos que enriqueceram e potencializaram o diálogo.

O sujeito ficou atento a música e chegou a cantar alguns trechos. Notei que apreciou bem a canção. A ou terminar a mesma disse que já conhecia a música e quem cantava. Então aproveitando a situação interpretativa apresentei a ela uma folha com perguntas sobre a música tocada. Ela pegou e foi olhando quantas perguntas e não tentou ler, mas logo foi dizendo que não ia conseguir ler. Então para deixá-la mais a vontade, perguntei se poderíamos ouvir a música

novamente pq não havia entendido a letra. Ela deu uma risada, perguntado se a psicopedagoga não conhecia uma “música que toca o tempo todo”. Assim tocou novamente a canção e voltamos para as perguntas, onde foi lido para sujeito e as respostas eram dadas de imediato. Notou-se dificuldade na escrita em algumas palavras, como: “FLOR, RUIM, MARILIA, CECILIA”. De acordo com as avaliações, a mesma tem dificuldade em identificar algumas sílabas nas palavras como: CE, CI, LH. Para orientar na escrita, a Psicopedagoga usou os sons silábicos das palavras do seu dia-a-dia como exemplo. Pausadamente as palavras foram ditas e escritas, assim a sujeito conseguiu escrever sem soletrar, mas sim ouvindo o som das sílabas.

4.2.3 – 3º Sessão de Intervenção Psicopedagógica – 05/05/2017

- Objetivos:

- Criar situações que permita a aluna demonstrar conhecimento e competência.
- Aprender a utilizar o dinheiro: comprar, pagar, conferir troco.

-Procedimento e material utilizado: A sessão foi realizada na escola onde o sujeito estuda, na sala da coordenação. O espaço foi todo preparado para receber o sujeito, totalmente diferente da sala de aula e diferente dos encontros anteriores. Para essa sessão foi utilizado os seguintes materiais: bonecos de plástico, dinheiro de brinquedo, lápis, borracha e papel A4.

- Resultado obtido e discussão: A mediadora iniciou a conversa sobre a história do dinheiro. Inicialmente perguntará: O que o sujeito sabe? Respondeu que o dinheiro serve para “gastar, comprar comida e roupa”, perguntei o que deseja aprender sobre dinheiro e foi bem direta na resposta, dizendo que não sabe contar todas as cédulas e não conhece algumas. Mediante as ideias e interesse apresentado pelo sujeito foi possível discutir sobre o que é dinheiro e como utilizar.

A mediadora organizou na mesa cédulas e bonecos e propôs uma brincadeira de compras ao shopping para o sujeito, a mesma compraria algumas peças de roupa para sua boneca. Assim precisaria saber quanto em dinheiro a mesma tem em mãos para comprar. Pedir para que separasse as cédulas do menor para o maior, como mostra a foto abaixo.

Em voz alta, contou as notas não em valor, mas em quantidade de cada cédula, como: as notas de R\$ 2,00 (dois reais) – 10 cédulas; R\$ 5,00 (cinco reais) – 17 cédulas; R\$ 10,00 (dez reais) – 12 cédulas. Depois de contar quantas cédulas, pergunte a sujeito quanto gostaria de levar ao shopping para fazer compras?! No instante ficou parada olhando para as cédulas, demonstrou dificuldade em falar de valores. Então como auxílio, tirei das notas um valor de R\$ 35,00 (trinta e cinco reais) para comprar uma blusa. Ela ficou mais confiante e tirou uma nota de R\$ 10,00, R\$ 5,00 e duas notas de R\$ 2,00. Perguntei quanto ela teria para comprar algo, enquanto ela contava, retirei as outras notas para não atrapalhar sua contagem. Notei que começou a contar nos dedinhos, ofereci a folha e o lápis para ajudar também, mas disse que não precisava. Depois de um tempo chegou ao cálculo de R\$ 17,00, mas não demonstrava confiança no resultado que havia chegado. Confirmei sua resposta, logo expressou um leve sorriso.

Passamos para próxima etapa do jogo, que nos levou a conhecer cédulas maiores. A sujeito já foi falando que não conhecia as notas de R\$ 100,00 e R\$ 50,00. Notei que sua personalidade havia mudado, ao dizer que não conhecia as notas postas na mesa. Para deixar a sujeito mais a vontade, comecei a contar as notas maiores R\$ 100,00 e R\$ 50,00. Observando o feito, ela perguntou se poderia contar o restante das notas. Então coloquei todas e iniciou a contagem. Em seguida pedir para que contasse também as notas maiores, agora que ela havia conhecido e observou formato, cor, numeração, ela poderia aprender mais. O sujeito gostou da ideia e iniciou a contagem de todas. Como mostra a foto seguinte:

Iniciou-se as compras, de imediato a mediadora comprou uma boneca de R\$ 15,00, restou duas bonecas que custa R\$ 15,00 cada. Logo deixou para que ela comprasse as duas restantes, e perguntei se teria dinheiro para comprar as duas e quanto daria. No momento observou as cédulas que estavam com a mediadora e percebeu que havia uma nota de R\$ 10,00 e R\$ 15,00. Pegou no seu montante de cédulas a referentes notas e comprou uma. Logo em seguida pegou a mesma quantidade e comprou a ultima boneca.

Considerando que o sujeito tem conhecimento com notas pequenas, começou aa separar as notas para fazer as compras e foi somando, mas não chegou ao final de seu raciocínio e como observou primeiro a compra da mediadora, usou dos mesmos artifícios pegando as mesmas notas. Assim, foi pedido para que somasse quando havia dado a compra das duas bonecas. Foi entregue

novamente uma folha para que ela fizesse o cálculo, sem pensar pegou a folha e começou seu cálculo.

Diante do cálculo realizado pelo sujeito, notou-se que ainda tem dificuldade em copiar números, dígitos ou figuras geométricas ou em reproduzi-las de memória. Por isso, usou atividades lúdicas e com movimento para representar seu cálculo da compra. Chegou ao resultado de R\$ 30,00 na compra duas bonecas. A mediadora parabenizou pelo resultado positivo e notou uma expressão de satisfação do sujeito em ter acertado seu cálculo, em seguida pediu para que a mediadora lhe desse R\$ 50,00 em “MUITAS NOTAS”, disse a sujeito. Como desafio, a mediadora pediu para que ela pegasse as notas referentes ao total de R\$ 50,00 como havia pedido. Colocaram-se as notas de R\$ 20,00, R\$10,00 e R\$ 5,00. A sujeito pegou cinco notas de R\$ 10,00, referente ao valor que ela mesma pediu. Ficou feliz por ter feito a contagem certa e ter ganhado as notas.

V - DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.

Diante das intervenções realizadas, verificou-se:

- Conhecer a realidade do sujeito e os diferentes contextos vivenciados pelo mesmo, trabalhar a leitura e escrita como construção, enfatizando a função social da mesma e reforçar as potencialidades do sujeito.

- Com a mudança de instrumentos culturais como, jogos silábicos, fichas literárias, a sujeito realiza o trabalho de leitura de forma vagarosa, mas com prazer e significado.

- Demonstrou grande importância nas situações motivacionais realizadas nesse período, como o quebra cabeça da história da Branca de Neve, A Formiga e a Cigarra.

Considera-se de grande valia os métodos de construção criados para trabalhar com o sujeito durante as intervenções, onde a mesma se encontra em processo de desenvolvimento. Foram realizadas atividades que priorizavam a leitura e a escrita como componentes do cotidiano do sujeito, a introdução de modelos (palavras estáveis), tais como: a escrita do próprio nome, dos nomes dos amigos, professor, nomes simples, etc., que levam a sujeito a criar suas próprias hipóteses acerca do sistema de escrita.

A intervenção permitiu-se conhecer o meio físico e social vivenciado pelo sujeito, para que pudéssemos nos apropriar de elementos do seu contexto sócio-histórico e propor intervenções significativas, considerando o processo do letramento. Contudo, buscou-se, por meio de atividades lúdicas, explorar um espaço de experiências do sujeito, seus interesses, preferências e características pessoais.

Identificou-se nas sessões de intervenção que diante de todas estas verificações do sujeito, que se encontra em processo de aprendizagem, e que demonstrou num todo uma relação de interação com significado e importância daquilo que aprendeu, ou seja, de seu paradigma pessoal, e desconstrução métodos falsos da qual foi condicionada a aprender. Métodos esses que fizeram acreditar até este momento que as palavras formadas pela união: consoante mais vogal (G+A), sem sons fonéticos, que valesse como também um meio de aprendizado.

É importante retomar que o letramento é um processo que vai além da mera decodificação do sistema linguístico, perpassou as intervenções psicopedagógicas no intuito de fundamentar mudanças na prática pedagógica em direção ao desenvolvimento de competências de leitura e escrita do sujeito. Nas intervenções realizadas, foi possível perceber que o trabalho com palavras relacionadas ao contexto do sujeito, apresentadas em fichas padronizadas, favoreceram o seu reconhecimento.

O sujeito, ao se deparar com aquelas palavras, demonstrou ser capaz de inferir sobre as palavras, já que não sabia qual era o assunto trabalhado e que se tratavam de palavras aleatórias e conhecidas por ela. O sujeito demonstrou que reconhece que as letras são símbolos gráficos utilizados para representar o que pretendemos escrever, mas até então não percebia que há intencionalidade, que a escrita pode e deve ser utilizada de forma competente, eficiente e podendo reconhecer através dos sons fonéticos.

Como defende Fávero (1994), a atividade mediada, possibilita o repensar das práticas pedagógicas. Podemos dizer que o contexto das interações que o sujeito estabelece torna-se um dos caminhos que favorece o seu letramento, especialmente quando se trata de um sujeito com diagnóstico de dificuldade de aprendizagem.

Em outra fala da autora acima citada, o ser humano se desenvolve através da construção dialética da interação e adaptação com o meio sociocultural sustentada pelos processos de internalização que engendram a tomada de consciência e para as quais os sistemas de signos são especialmente importantes, já que se trata de lidar com a representação (FÁVERO, 2006; 2009, citado em Fávero 2001).

Notou-se que a cada intervenção psicopedagógica, a aluna demonstrava uma tomada de consciência que a auxiliava no processo de suas competências conceituais, e na lógica de representação do conhecimento. O sujeito compreendeu que a importância de se escrever para que o outro entenda é importante tanto o texto (sua forma e conteúdo) como o leitor, suas expectativas, seus conhecimentos sobre o assunto e a finalidade com que faz a leitura. Compreende que a mesma não terá dificuldade em fazer sua própria leitura, dando oportunidade a esta de melhorar sua relação com a escrita e leitura. O trabalho realizado aqui foi apenas o começo de um longo caminho.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corroborou-se, nesta intervenção psicopedagógica, realizar uma reflexão acerca da importância do desenvolvimento de competências conceituais do sujeito, levando em consideração o contexto escolar e social em que ele está inserido. A intervenção proposta, embasada na concepção do letramento, procurou considerar as especificidades e necessidades do sujeito no processo de construção do conhecimento, sobre a base do desenvolvimento humano. Contudo, privilegiou-se uma intervenção que considerou a percepção do sujeito como pessoa, suas características e interesses e o estudo com a função social da escrita e da leitura. A intervenção considerou o contexto sócio histórico, as vivências e o cotidiano do sujeito como fonte de informações para o planejamento das atividades de forma que as fizessem sentido para a mesma.

O olhar psicopedagógico levou em consideração a posição da aluna sem base na queixa educacional. Isso permitiu um olhar diferenciado de todo o atendimento que era realizado anteriormente. A partir dessa diferença houve um desenvolvimento das aptidões até então não conhecidas. Portanto o olhar psicopedagógico fez uma grande diferença na possibilidade de expor o potencial da aluna.

Assim sendo, Os resultados obtidos por meio da intervenção adotada neste estudo corroboram o estudo de que o letramento, a partir da função social da escrita e da leitura, favorece o desenvolvimento de competências, que por isso, implica na necessidade urgente de mudanças na prática pedagógica vivenciada pelo sujeito e na continuidade do acompanhamento psicopedagógico como um suporte importante para que esta consiga avançar ainda mais.

Não se pode desconsiderar o papel da escola e do professor como mediador que favorece o acesso ao conteúdo cultural e, como diriam esses estudiosos, estar para o outro e abrir com ele novas zonas de desenvolvimento proximal é dialogar com ele, num movimento de escuta e ação em que se tem por princípios básicos: o trabalho conjunto e a crença em sua potencialidade de resposta e de transformação do conhecimento (Pulino & Barbato, 2004, p.60).

Com base nessa concepção, o educador/mediador envolvido nessa tarefa, é importante valorizar a criança como sujeito cognoscente, ou seja, que “pensa, que constrói e reconstrói que

interpreta, que significa e ressignifica suas interações, agindo sobre o real para de ele apropriar-se. (ver Fávero, 1994, 2005, 2007; Pimenta, 2008).

Como continuidade do trabalho, propõe-se, que o sujeito continue em acompanhamento psicopedagógico e que a escola e o docente responsável assumam as especificidades da aprendizagem desta, investindo em mudanças na prática pedagógica que favoreçam o desenvolvimento de competências de leitura e escrita, a construção do sujeito como um ser histórico e social, ativo no processo de aquisição de suas aprendizagens.

Finalizar este trabalho e a formação em Psicopedagogia reforça meu compromisso técnico e ético com essas situações que surgem diariamente na nossa prática e nos fazem repensar, a partir de todo o aporte teórico-conceitual a que tive acesso na formação acadêmica, o fazer, a motivação para aprender e ensinar, quando necessário, porém sem desconsiderar os saberes que os outros construíram ao longo de sua história de vida. Percebo que muitas teorias precisam ser discutidas, muitas práticas, repensadas, e o primordial para que isso aconteça é a nossa capacidade de estar junto, não somente como especialistas, mas como profissionais éticos e comprometidos com aquilo que defendemos e acreditamos e que consideram o outro como construtor ativo, pensante de sua própria história.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ferreiro, Emília; Teberosky, Ana (1999). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Fávero, MH. (2009). *Os fundamentos teóricos e metodológicos da psicologia do conhecimento*.

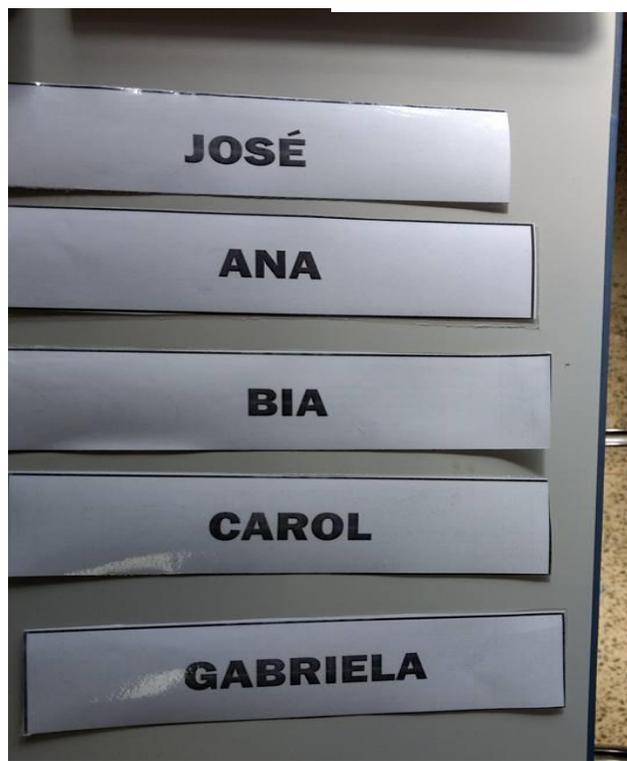
Fávero, Maria Helena. (2011). *A pesquisa de intervenção na psicologia da Educação Matemática: aspectos conceituais e metodológicos*.

Pulino, LHCZ & Barbato, S. (2004). *Cultura, desenvolvimento humano e aprendizagem*.

Revista Nova Escola – edição especial nº19, 2008, p. 125-126

ANEXOS

Figura 1 - Cambraia 2017



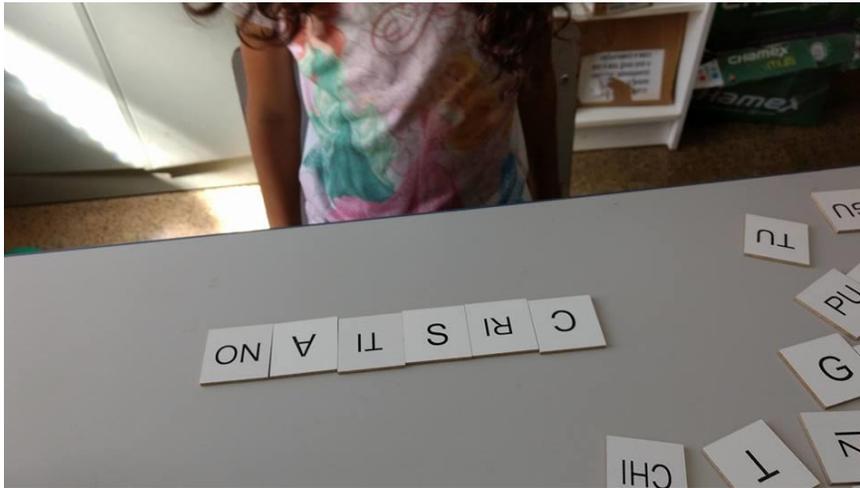
Sujeita copiou em folha separada seu nome e do professor sem sílabas ou letras soletradas.

Figura 2 - Cambraia 2017



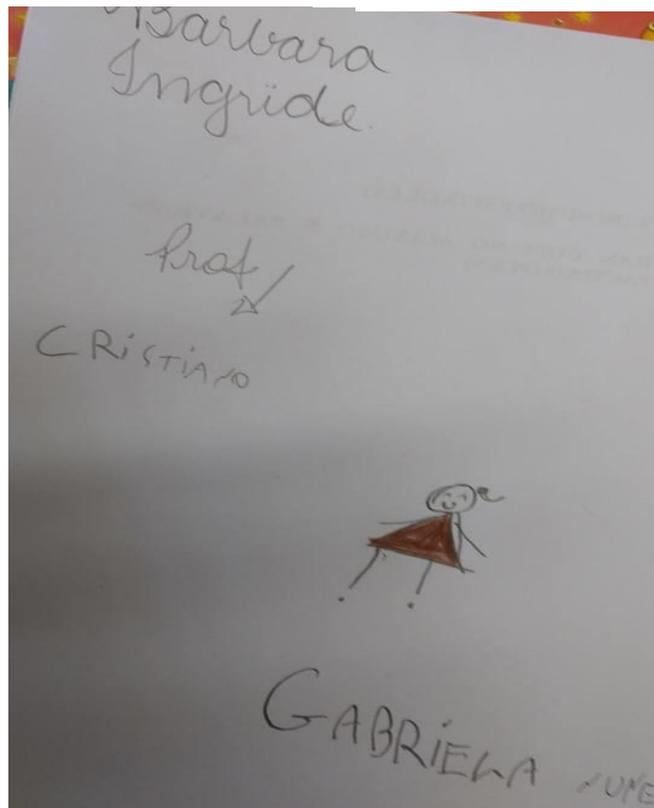
Após o nome identificado, montou um quebra cabeça de 8 peças.

Figura 3 - Cambraia 2017



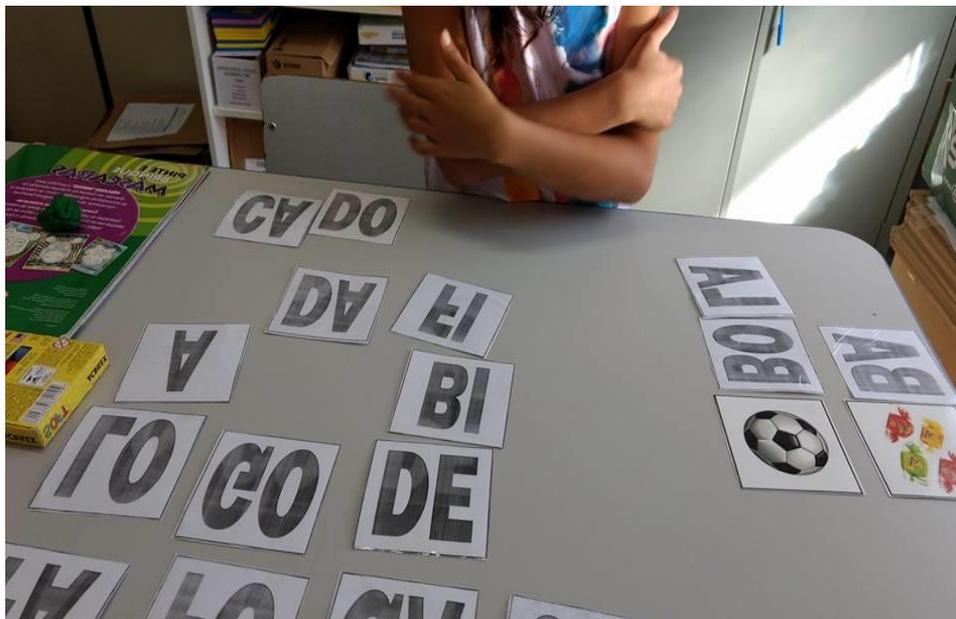
Com jogo alfabético silábico montou o nome do professor usando sílabas e consoantes separados.

Figura 4 - Cambraia 2017



Aluna copiou em folha separada seu nome e do professor sem sílabas ou letras soletradas.

Figura 5 - Cambraia 2017



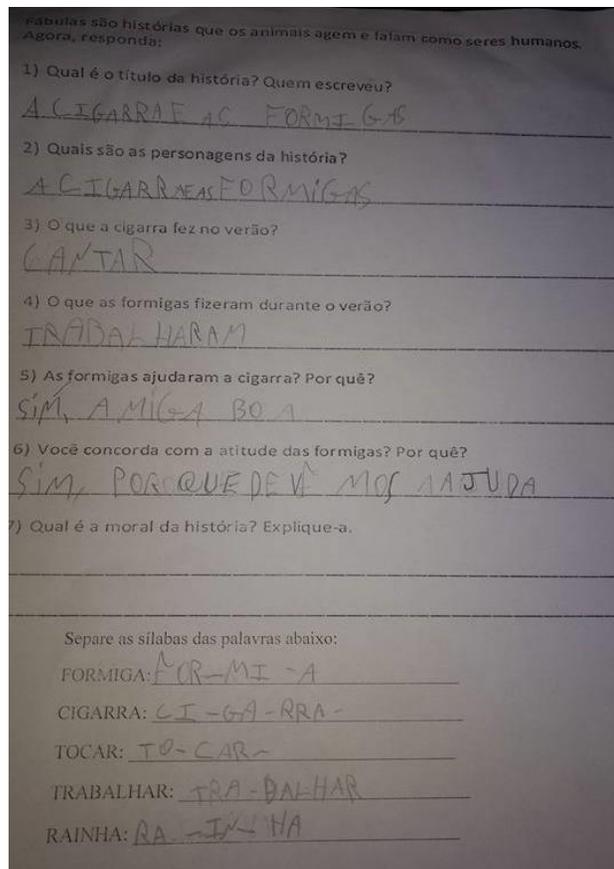
Fichas em caixa alta para montar palavras aleatórias e ditadas.

Figura 6 - Cambraia 2017



Capa da historia trabalhada e interpretada

Figura 7 - Cambraia 2017



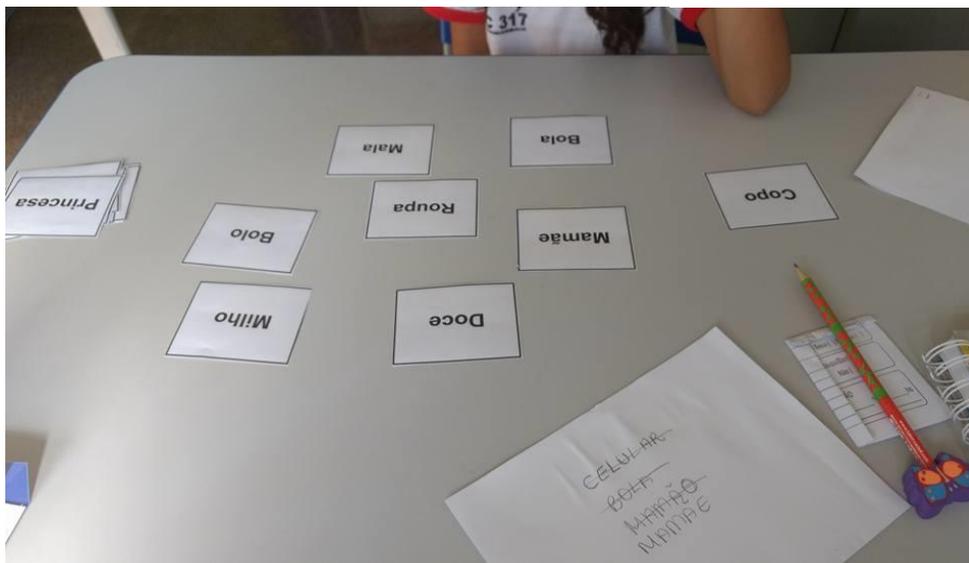
Questionario de interpretação feito pela aluna com auxilio da psicopedagoga

Figura 8 - Cambraia 2017



Professor dividi sala em “os que tem dificuldade e os que não tem dificuldade”.

Figura 9 - Cambraia 2017



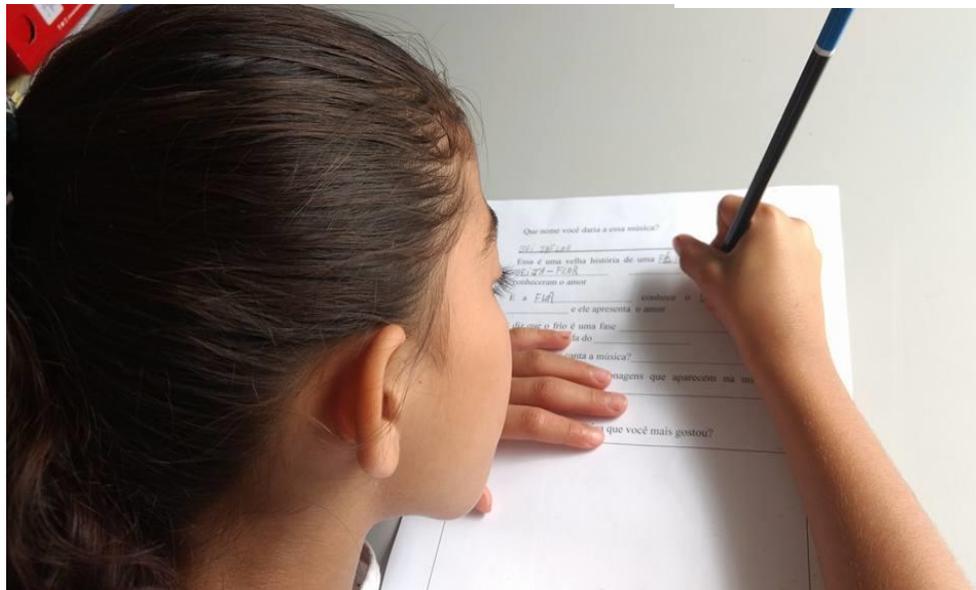
Nesse momento aluna separou as palavras com três sílabas.

Figura 10 - Cambraia 2017



Nesse momento aluna separou as palavras com três sílabas.

Figura 11 - Cambraia 2017



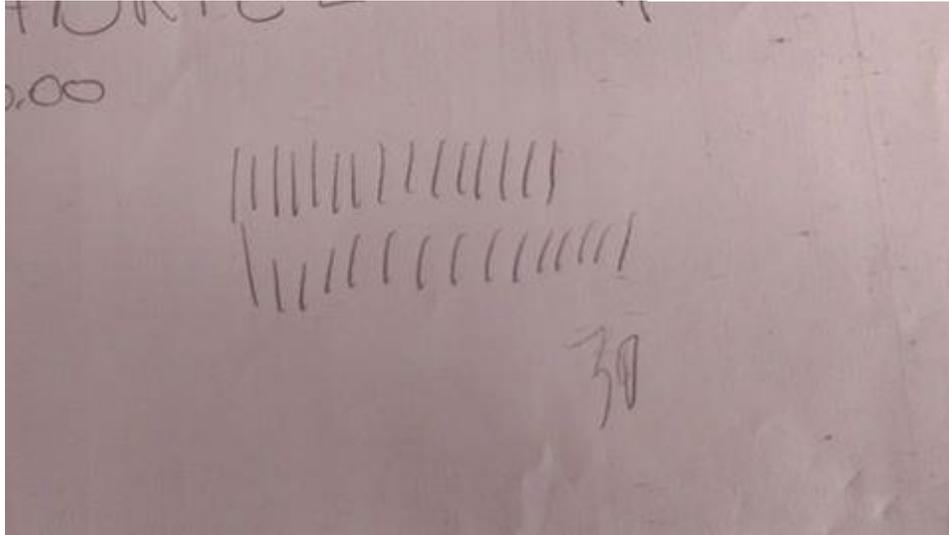
Nesse momento aluna separou as palavras com três sílabas.

Figura 12 - Cambraia 2017



Nesse momento aluna separou as palavras com três sílabas.

Figura 13 - Cambraia 2017



Nesse momento aluna separou as palavras com três sílabas.